**ÁGUA PARA TODOS**

Era uma vez, num país muito distante do nosso, onde um dia, sem ninguém saber porquê, deixou de chover. Do céu não caía nem gota de água. Aos poucos, os rios, as ribeiras, os riachos, os poços e as fontes foram secando. Só numa clareira da floresta, e, sem ninguém também saber porquê, havia uma grande poça de água, que se mantinha sempre cheia.

Aos poucos, todos os animais daquela floresta, começaram a mudar a sua casa para perto da poça. No meio de todos, veio uma raposa espertalhona e um coelho rechonchudinho. A raposa pensou logo:

-Ui, que rico almoço! E nem preciso me cansar. É só ficar aqui toda refastelada junto da água, que ele vem ter comigo.

E assim fez. Montou guarda junto à poça, impedindo o coelho de beber água.

Passado alguns dias, o nosso amigo coelhinho, já estava todo, todo sequinho. E pensava lá com ele:

«-Se não morro na boca da raposa, morro de sede! Tenho de arranjar uma solução.»

Pensou... pensou... (é que quando as cabeças pensam, inventam grandes coisas) e o coelhinho descobriu mesmo uma forma de enganar a raposa.

Foi junto de uma casinha de abelhas, uma colmeia, empurrou... empurrou... e a colmeia tombou. Lá de dentro começou a sair mel.

O coelhinho rebolou-se no mel e ficou todo pegajoso. Depois foi debaixo de uma árvore, que tinha muitas folhas caídas e rebolou-se nelas. Ficou completamente mascarado.

A raposa, sempre à espreita, viu chegar aquele bicho tão estranho e ficou intrigada:

-Que bicho tão esquisito! Será bom para comer?

-Hum! Não me parece. Tem tanta folha! Eu não gosto nada de folhas. Vou lá falar com ele.

- De onde vens? - perguntou ela.

-De muito longe.

-E lá onde moras há muitos bichos como tu?

-Há, há! - e continuou a beber.

O coelhinho, quando se apanhou com a barriga bem cheia, pensou:

«-Não sei quando conseguirei cá voltar, o melhor será tomar já um banho.»

Se mal  o pensou, pior o fez. Entrou na água e começou a chapinhar mas esqueceu-se que as folhas na água ficavam moles e caíam. Foi o que aconteceu.

-Ah, seu malandro, pensavas que me enganavas? Espera que já te apanho!

Tic, tic, tic...corria o coelhinho. Tchoc, tchoc, tchoc... saltava a água na sua barriga.

Tac, tac, tac... a raposa furiosa, quase em cima dele.

Quando o coelhinho já se sentia molhado pela saliva da raposa, e ela o sabor a coelho, aparece na frente deles uma árvore velhota, com buracos no tronco. O coelho, muito rápido, entrou num buraco e subiu por dentro do tronco. A raposa ia tão convencida de que o apanhava, que nem reparou no tamanho do buraco. Enfiou-se por ali a dentro e ficou presa, não entrava nem saía.O nosso amiguinho, que espreitava encarrapitado no tronco, ao vê-la naquela situação, saltou para o chão, dirigiu-se à raposa que esperneava e deu-lhe uma valente dentada no rabo, enquanto dizia:

-Toma, bem feito, que é para me deixares em paz! A água na terra deve ser para todos.

A raposa só no outro dia, e depois de muito puxar, conseguiu sair mas estava toda arranhada. Ficou-lhe de lição e nunca mais correu atrás do coelhinho.

Bendito e louvado,  está o conto acabado.